



# Revista Pai Inácio

## de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana  
Campus Avançado da Chapada Diamantina

### Contos

#### INÁCIO

©JORGE RABELO MENDES (SEABRA-BA)

Venâncio já se via como um homem triste, velho e cansado. A dura vida que tivera para conquistar e impor sua vontade sobre os demais roubou-lhe a graça da juventude com muita rapidez. Tinha 57 anos, mas parecia ter 70. E não conseguia entender que apesar de todo o esforço que fizera para alcançar o poder que tinha hoje, era abandonado pelos familiares e esquecido dos amigos.

Dono de muitas casas, terras, gado, comandava as pessoas e, no entanto, estava só. Em seu quarto, na penumbra, refletia sobre sua existência. As lembranças chegando através de imagens que se fixavam nos olhos. Montado a cavalo passava imponente por entre seus jagunços e apadrinhados que tiravam o chapéu em respeito ou medo à sua passagem. Viviam rodeado de amigos e serviçais que estavam sempre prontos para realizar-lhe a vontade. E logo após, um golpe da vida deixou-lhe prostrado na cama em estado eterno de semiconsciência. Reconhecia as pessoas, via as pessoas, mas parecia que o domínio de si mesmo havia sido perdido.

“Parece que as palavras não saem mais com a força que tinham, na verdade nem sei se saem...”

De um momento para o outro tudo mudou. Viu-se em uma cama sendo visitado por pessoas que não conhecia e não lhe dirigiam a palavra. Estava só, semimorto, entregue aos cuidados de alguém que o limpava de quando em quando, remexendo-o de um lado para o outro. Logo ele, um homem rude, nascido nas regiões ressequidas do semiárido, tanto de afeto quanto de água. O coronel da Chapada, prisioneiro de um corpo inerte, impotente até para beber sua própria água lembrava-se das extensões de suas posses e a influência sobre as cidades ao redor. Intendentes, prefeitos, delegados e pessoas do povo, todos enfim, a gabar-lhe a coragem, o espírito público, as lutas que travara pela posse da terra.

“Meu coroné!” Como diziam ao vê-lo.

Sabe que ajudou muita gente, deu casas, distribuiu um pouco de suas terras, fez muitos afilhados, possuía inúmeros compadres, mas não via estes virem visitá-lo.

“Uns males agradecidos!”

Quando saísse daquela cama iria pedir explicações: por que não lhe vieram visitar? Por que não vieram tomar a bênção, ou até mesmo um café com o coroné?

Lembrou a mesa farta nas tardes de tertúlia política quando comiam e bebiam um café a farta: milho, cuscuz, pamonha, requeijão, doce de leite, beijos, biscoitos, pães à vontade sucos variados e de onde saíam os futuros intendentes, prefeitos, delegados e outros cargos públicos da região. daquelas tardes animadas, saíam também os programas políticos. O dinheiro para as campanhas já saíam em outros encontros à noite, regados a vinho, cerveja, cachaça e um boi virando churrasco.

O coronel Venâncio era um bom articulador político. Era ele quem dava a palavra final dessas agendas políticas. Teve pouca formação acadêmica, mas tinha intuição para aquilo que achava que o povo precisava.

“Vamos melhorar aquela rua que é onde mora o compadre X! Vamos levar água até a casa do compadre Y”.

E assim ia decidindo as prioridades de seu governo de acordo com as necessidades dos amigos mais chegados, de acordo com aqueles que o ajudavam a manter-se no comando.



Fez escola para menino aprender a ler e escrever e pagava até professora por conta própria e deixava tanto os seus filhos quanto os filhos de seus trabalhadores e jagunços estudarem na mesma escola com a mesma professora. Até o quinto ano! Isso bastava. Para que mais se o futuro de todos ali era trabalhar para ele, seja como jagunço, seja como funcionário ou mesmo como doutor? Se bem que a profissão de doutor era reservada para os próprios filhos que iriam estudar na cidade e para os amigos mais íntimos, cujos filhos também teriam uma posição de comando.

Até tinha ouvido falar, na capital, de direitos iguais, de direitos dos trabalhadores, mas aquilo era para lá, para a capital, não se aplicava aqui na nossa Chapada, terra de homem valente que precisava lidar com a terra, com o ouro, o diamante, com o gado, com a dura realidade da seca. Logo cedo as mulheres casavam e os homens iam trabalhar em suas roças ou se iniciavam na jagunçagem. Jagunço era uma profissão. Profissão de respeito. Tinha que ter certas aptidões para seguir. Por exemplo, era preciso ser muito corajoso, ser fiel e bom no combate ao inimigo além de saber usar armas. E nem todo mundo nasceu com essas capacidades, nem todo mundo nasceu valente como Severino que em um combate se colocou na frente do coronel para este não levar um tiro. Jagunço era homem de honra, homem macho, cabra sério, embora também pegassem seus porres homéricos de deixar gente morta pelo caminho. Mas eram homens de confiança.

O coronel pensava e via chegar à retina de seus olhos cenas que tinha vivido há tão pouco tempo, dias antes do ocorrido que lhe inutilizara! Mas sairia dali e voltaria a ter a vida que levava antes.

A porta abriu e viu entrar uma mulher com uma bandeja que colocou a seu lado. Sentiu o cheiro da sopa que lhe foi sendo colocada a boca e simplesmente engolida. O olhar ia direto para os seios da moça que lhe servia, mas não conseguia levantar os braços ou as mãos para pegá-los como desejava. Estavam grudados no colchão, inertes sem forças para se levantarem. E até as lágrimas que queria verter não saltavam de seus olhos. Engoliu a sopa sem sentir prazer.

“Será que fiz tanto mal assim para merecer este fim?”

A moça se retirou e ele nem sabia quem ela era. Será sua filha? Sua neta, uma afilhada? Quem sabe uma serviçal da casa, uma das tantas que perseguiu para conseguir seus favores sexuais. Chamava-as em seu gabinete e lá as obrigava a fazer sexo sob pena de castigos severos ou favores que lhes ajudariam a viver com mais conforto.

O olhar do coronel era o olhar do comandante, daquele que dizia o que se devia fazer ou não em benefício de todos. Era o chefe, incontestável, última palavra que não voltava atrás mesmo que errada.

O coronel não tinha desafeto, aliás, tinha alguns poucos maltrapilhos que por vezes ousavam levantar a voz contra ele. E quando o faziam, rapidamente tinham que fugir para não serem torturados ou mortos por qualquer de seus jagunços. Por vezes um garimpeiro trabalhador que se levantava reclamando dos salários atrasados ou por ter recebido de menos em seu salário nos descontos que lhe faziam dos bens que consumia no armazém. Às vezes, um negro devedor que fugia e logo era capturado para pagar as dívidas contraídas. Mas era pouca a revolta que acontecia haja vista o poder do coronel e sua capacidade de reprimir seus inimigos. Os inimigos com quem deveria tomar cuidado mesmo eram os outros coronéis da região quando achavam que já era tempo de mudar de comando. Aí sim, o perigo se apresentava. Por isso ele precisava estar sempre bem armado e rodeado de gente de sua confiança.

Mas houve o caso de um negro, filho de um escravo liberto que na lembrança do coronel se chamava Inácio. Negro forte, nascido na região e conhecedor dela. Aquele foi um negro que lhe deu muito trabalho. Devia já estar morto por um tiro de seus jagunços.

“Será que ainda tenho jagunços que me protegem?” perguntou-se o coronel entre aflito e des preocupado.

“Afim, o que poderá ser feito agora? Estou aqui, deitado nesta cama, impossibilitado de me mexer. O que eu posso fazer?”

Lembrou-se do negro atrevido que ousou levantar seu olhar para sua filha Adelina. E mais, ousou sorrir para ela! Aquele atrevido. O coronel viu de longe, de seu gabinete quando sua linda filha estava caminhando pelos jardins e veio esse tal de Inácio carregando um balde de leite para o requeijão e levantou o olhar para ela. Levantou o olhar para ela e sorriu como se estivesse em frente a uma pessoa igual a ele.

“Vi minha filha retribuir ao sorriso, o que não deveria ter feito, mas certamente foi por pena, compaixão por aquele miserável que não tinha onde cair morto. Passei a ficar de olho nele. Mais um deslize desses e poderia mandar jogá-lo ribanceira abaixo”.

As lembranças do coronel eram intermitentes, às vezes vinham com força, todas plenas de imagens coloridas que se instalavam em sua mente e às vezes sumiam, como se nada mais tivesse a lembrar, um vazio de morte, um estado de pura contemplação, sem mente, sem pensamentos.

Quando voltava a si, perguntava onde estava e não sabia dizer se era em seu quarto ou no quarto de um hospital. Mas onde estava sua mulher? Onde estavam seus filhos que não lhe visitavam como antes? Estariam viajando sem ele? Deixaram-no naquela cama sozinho? Com os empregados a fazerem o que quisessem dele? Logo ele, o coronel que em tudo mandava? Não podia acreditar que o tivessem abandonado. Teria sido tão mau a ponto de lhe terem abandonado naquele casarão imenso onde morava? Estaria ali, sozinho, entregue a raiva de seus antigos comandados? Ele sabia que não era

tão querido, afinal, pensava ele, comandar tantas pessoas como ele comandava, lhe obrigava por vezes a usar de força e autoridade e às vezes até de injustiça.

Voltou a lembrar-se daquele negro arrogante Inácio agora conversando com sua filha.

“O que conversavam? Como ele ousara abrir a boca para pronunciar palavras com minha filha? Desta vez não seria perdoado, desta vez iria levar chibatadas e Adelina seria chamada atenção pelo fato de dirigir palavra a um escravo.”

“Adelina tinha sido educada na cidade a pedido da mãe, foi para lá para aprender um pouco de música e outras coisas mais que uma mulher deve saber. Ela iria tocar em nossas festas para mostrar que era culta e também mostrar que sabia dirigir uma casa. Foi para a cidade para aprender coisas de mulher, mas deve ter ouvido falar na cidade de liberdade, de direitos dos trabalhadores, mas isso, ela precisava saber, era para a cidade, para a capital. Aqui a vida continuava a mesma, cada qual no seu lugar, cada qual sabendo o que falar e para quem falar. Não havia aqui essa tal de democracia, direitos dos trabalhadores. Aqui quem mandava era ele e precisava que fosse assim, a comandar aqueles homens rudes e sem educação. Ademais, não precisavam dela, afinal o trabalho na lavoura, no gado e no garimpo não necessitava de educação. Aprender a ler e escrever eram o suficiente, mais que suficiente, afinal, para que eles iriam aprender a ler e escrever? Para ler livros que lhes falasse de direitos? Que lhes ensinassem a se organizarem em sindicatos como já havia nas cidades e só traziam problemas para os dirigentes da nação? Só traziam balburdia, bagunça, e pouco trabalho? Não, aqui não se ouviria falar de direitos, não se ouviria falar de direitos de trabalhadores e suas ousadias continuariam a serem tratadas com o rigor dos tempos de meu pai”.

Lembrou-se o coronel como seu coração ficou ferido quando soube que Adelina tinha fugido com aquele negro pelas serras e como ele, pessoalmente foi resgatá-la. As imagens lhe vieram vívidas. Cavalgando atrás da filha fujona. Olhando o chão, estudando as pegadas, escutando os barulhos dos matos, das pedras, alguma sombra que lhe indicasse o caminho a ser seguido. Foram dias e noites sobre os cavalos, dormindo ao relento, acendendo fogueiras com candombá caçando caititus e mocós para se alimentar e encontrar a filha que agora não mais deveria ser pura. Teria ela fugido com o negro ou teria sido raptada por ele? Preferia acreditar na segunda hipótese embora todos soubessem que ela tinha feito a sua escolha, afinal, nada indicava sequestro, viram-na se esgueirando pelo mato e alguns até já sabiam que havia este “caso” entre a filha do coronel e o negro Inácio.

“Uma menina tão linda, tão educada, se apaixonar por um por um negro? Por um Zé ninguém?” Era inconcebível para o coronel. Era uma afronta a sua dignidade de pai, a sua patente de coronel, uma afronta a seus amigos e correligionários, aos intendentes, prefeitos, aos delegados que ele indicava a dedo, a todos os homens e mulheres de posse da Chapada Diamantina. Era preciso que sua vingança fosse cruel, inesquecível para todos, que servisse de exemplo para não se repetir mais. O coronel precisava ser vingado para que sua honra fosse lavada. A família inteira se mobilizou para encontrá-los. Foram organizados vários grupos para caçar os fugitivos. Tios, cunhados, e até o filho mais moço do coronel comandou jagunços nesta caçada.

Inácio conhecia muito bem a região, tinha nascido ali, mas os jagunços também conheciam e sabiam que o encontrariam mais cedo ou mais tarde. O coronel tinha jurado não descansar enquanto não encontrasse o casal fujão.

Nos pequenos povoados, nas cidades que compunham a Chapada não se falava mais nada senão da fuga do casal. O negro era, à surdina, considerado um herói, aquele que conquistou o coração da donzela e agora iria pagar o preço de sua ousadia. Todos os oprimidos, a boca pequena, torciam pelo fujão. É claro que não lhe dariam guarida, é claro que não se comprometeriam a ajudá-lo por medo das represálias, mas a torcida era grande por ele tornando-o um justiceiro dos negros e dos trabalhadores oprimidos.

Em todas as cidades onde era possível o casal estar, eram divulgados anúncios de prêmios por qualquer informação. Por fim, cansado e envergonhado, o coronel resolveu voltar para a fazenda, mas mandou que as buscas continuassem incansavelmente até encontrar o negro. Queria que o trouxessem vivo, ele mesmo faria o justicamento, ele mesmo mostraria a todos quem mandava ali.

O coronel sofria sozinho, por vezes escondido em seu gabinete, chorava o sofrimento dos déspotas quando estão prestes a perder o poder. Trancado em seu gabinete, bebia, fumava seus charutos e explodia reclamando o abandono de Deus por quem tanto fizera. Afinal, não foi ele quem ergueu a primeira igreja do local? Não era ele quem pagava para o pároco vir rezar as missas dominicais? Não era ele que fazia gordas doações às várias igrejas da região, sustentando a boa vida dos padres? Será que Deus o tinha abandonado ante seu desespero pela honra perdida? E isso por um mísero negro?

“Preciso encontrar essa rapariga! Preciso encontrar esse negro fujão sob pena de perder o respeito na região. Um negro infeliz desse não pode sair impune dessa ousadia”, pensava o coronel.

“Um negro desses não pode me fazer de bobo frente aos meus amigos e comandados, um negro desses não pode me desmoralizar assim. Ele vai pagar!”

O ódio do coronel crescia proporcionalmente a euforia que tomava conta dos negros, trabalhadores e pessoas comuns que tinham sofrido em suas mãos. Inácio se transformava rapidamente em herói!

A mãe de Adelina chorava pelos cantos da casa tomando para si a responsabilidade pelo acontecido, afinal, não era a mulher a responsável pela dignidade das filhas? Não fora ela quem criara a menina com todo carinho, com todo o cuidado para que tivesse um futuro de mãe exemplar como ela mesma pensava a seu respeito? Não fora ela que defendera a necessidade da menina ir para a cidade grande aprender piano e outras artes para se formar como uma boa esposa? Não era ela que tinha todo o cuidado para manter a pureza da filha para entregá-la ao futuro esposo? Agora estava tudo perdido! Adelina já teria perdido a pureza, estaria entregue a própria sorte e ela, estaria condenada a ser vista pelas outras como uma mãe incapaz de comandar a educação das filhas. Como uma mãe que não soube preservar a honra da família. Suas irmãs, as tias, toda a família iria condená-la, iriam dizer que ela não soube ser mãe. Que saudade sentia neste momento da própria mãe que morrera um ano antes, talvez ela lhe socorresse neste momento, talvez ela lhe pudesse aconselhar emprestar-lhe o colo onde pudesse derramar suas lágrimas de mãe. Só iria lhe restar a lembrança de uma vida passada, não mais teria futuro, não teria mais coragem de olhar nos olhos do marido, de suas irmãs e de seus outros filhos e filhas. Estava manchado para sempre o seu orgulho de mãe, sua honra de mãe. Iria sair dali, viver em outro lugar, na cidade grande onde não seria reconhecida nem lembrada como uma mãe incapaz de criar suas filhas. Iria esperar o pai encontrar Adelina e a levaria para Salvador, para o Rio de Janeiro, ou para Portugal, quem sabe. Ir para o mais longe dali. A família iria se separar.

“A vida nunca mais será a mesma. E isto por causa de um negro, um negro adolescente que me disseram nasceu quase no mesmo dia que minha filha. Um negro que nunca mais tinha visto; olhado na cara dele. Que apenas percebia-lhe a existência. Como um homem desses pode provocar uma tragédia tão grande em minha vida? Inácio! nunca mais vou esquecer este nome”.

Inácio e Adelina já estavam percebendo que o cerco estava se fechando sobre eles. Não lhes restavam maiores opções. A Chapada era grande, mas não tão grande que impedisse o coronel de encontrá-los. Suas garras eram enormes e seu nome esparramava-se por toda a região. Só restava fugir da Chapada, ir para Salvador ou São Paulo. Encontravam abrigo aqui e acolá, mas não poderiam ficar fugindo a vida toda, era preciso por um fim nisso, queriam ficar juntos e serem felizes. Ele poderia trabalhar como sempre o fez, ter uma casinha simples, um roçado, não precisava de muito, mas não poderia abrir mão de sua amada. Ela tinha roubado seu coração no primeiro momento que lhe sorriu. Aquele sorriso foi um beijo dado em seu coração. Dali em diante não teve mais sossego. Todos os dias passava por ela que lhe dava sempre mais um “beijo” até que não resistiu e falou de seus sentimentos. Adelina parecia já esperar por este momento e atirou-se nos braços do negro. O amor explodiu e eles compreenderam que não mais poderiam viver separados. A única alternativa era fugir, deixar aquele local. Quem sabe com o tempo, o coronel não o aceitasse como genro, quem sabe não aceitasse seus netos nascidos daquele amor tão puro, tão real.

Depois de muito pensarem, Inácio levou Adelina para casa de uma velha amiga, uma curandeira de antiga linhagem indígena que apenas atendia pessoas muito íntimas e poucas pessoas a visitavam porque era uma mulher sem meias palavras, que dizia o que era e o que não era, uma iluminada pelos olhos de Deus. Inácio deixaria Adelina segura ali e ia buscar resolver o problema político econômico e racial que tinha criado. Não ia fugir, ia enfrentar o coronel. A velha amiga de Inácio falou muitos conselhos e fez muitas previsões, mas no final disse que sairia vencedor. Preparou um poderoso ritual com o fim de proteger Inácio, fechar o seu corpo para o mal que se avizinhava. Colheu ervas, cipós e raízes de árvores da região, fez defumação, banho, e aspergiu sobre o corpo de Inácio poções de proteção. Ficou três dias sozinho em uma gruta ali perto a mando de sua protetora e saiu depois pronto para levar seu plano a efeito. E o plano começava em levar seus perseguidores em outra direção, em direção a umas serras que fazem fama pela forma, parecendo um camelo, um morro branco, umas serras chapadas com muita possibilidade de fuga. Levaria seus perseguidores naquela direção e os mataria fazendo-os caminhar por caminhos sem volta. Ele conhecia a região e sabia de seus perigos, suas cachoeiras, corredeiras, e agora chegava a hora de usar esses conhecimentos a seu favor. Antes de deixar a casa, sua velha amiga lhe deu um guarda-sol, para que o protegesse, mas disse que era um amuleto, um instrumento mágico que lhe seria de muita ajuda no caminho. E de fato, aquele guarda-sol foi de grande importância nas longas jornadas Chapada adentro. O sol a pino desidratava o corpo levando-o a exaustão. Despediu-se de Adelina prometendo voltar vitorioso e pronto para viver com ela o resto de suas vidas. O amor que lhe dedicava impulsionava-o a cometer este ato de bravura, única forma de poder viver sua vida ao lado da amada.

Partiu e foi deixando marcas para seus perseguidores. Na verdade, foi conduzindo-os para onde desejava e principalmente, distanciava-os de onde estava sua amada.

O guarda-sol o ajudou a sobreviver. Na verdade, ele foi parte do final feliz desta heroica história. Isto porque ele está ligado a sobrevivência de Inácio que conduziu seus perseguidores por entre morros, e imaginou que eles não chegariam onde já tinham chegado. Seguiram-no com grande precisão. Mas Inácio imaginava que eles haveriam de se perder no caminho o que não ocorreu. Então só restava uma alternativa audaciosa, mas que poderia surtir resultado. Foi subindo até o topo de um morro, na parte mais alta, e também mais aberta de onde não resta para onde fugir. Deixou-se ver de certa distância por seus algozes que apenas perceberam aquele corpo negro que se atirou em direção a morte e o ouviram gritar

a palavra liberdade. Correram até lá e não viram mais nada além do abismo infundável, a morte certa naquele sepulcro que jamais seria visitado. Impossível descer até lá para resgatar o corpo perdido para sempre.

“O coroné não vai gostá. Chegar à frente do chefe dizer que o homem tá morto sem ter uma prova? Mas não tem outro jeito. Não tem como chegar até o corpo perdido entre rochas, pedras, árvores e caminhos de mata virgem. O coroné vai tê que se contentá com as palavras de seus jagunços”.

A discussão entre eles ainda levou um bom tempo. Era preciso encontrar uma prova qualquer da morte do negro. Mas o que? Pensaram em descer até o vale, tentaram, mas não havia como chegar até o profundo do vale onde deveria estar o corpo. De repente eles viram, voando pelas partes mais baixas sobre as pedras da serra, o guarda-sol de Inácio. Ele voava impulsionado pelo vento para bem longe de onde se encontravam. Correram até ele que os conduzia para mais e mais distante de onde o negro se encontrava para finalmente, depois de horas de perseguição o agarrar. Era mínima, mas era a prova de que necessitavam para mostrar ao coronel. Retiram-se do local acabrunhados, aquele guarda-sol era a única prova da morte do negro. Sentiram-se derrotados pela valentia daquele homem que preferiu a morte à tortura de viver sem seu amor. Foram ter com o coronel que não perdoou seus jagunços por não encontrarem a filha e virem o escravo morrer em ato de bravura e sem trazerem o corpo. Aquele guarda-sol não servia de prova, mas apenas de escárnio: o guarda-sol de Inácio.

“Essa história não pode se espalhar como se espalhou a fama de Zumbi no Brasil. Cadê o corpo? Como provar que ele morreu sem mostrar o corpo ou a cabeça fora do corpo como gostaria de ter feito?” Pensou o coronel ao receber a notícia de seus jagunços.

Iria paralisar as buscas, dar um tempo para ver se o povo esquecia aquela história da filha fujona e do negro que preferiu a morte. Ela escolheu aquele caminho, não iria mais procurá-la, que voltasse de cabeça baixa pronta para receber ordens. Mas para seu desespero ela nunca voltou.

De dentro de uma pequena gruta Inácio olha a vastidão da Chapada, as formações rochosas que se perdem em nossa vista. Vai saindo devagar percebendo que os jagunços tinham se retirado. Foi contornando a grande muralha de pedra e subindo para o topo buscando ouvir qualquer ruído humano. Olha para todos os lados e só vê a vastidão a sua frente, e sabe que é ali, em uma localidade qualquer, situada na Chapada que iria desfrutar a vida com sua amada. Sabia que tinha vencido o coronel como lhe dissera a amiga meio índia. Sabia que tinha enganado os jagunços e acreditava que sua história iria repercutir como o negro que vencera o coronel.

Seu plano dera certo. Veio trazendo por dias e dias os jagunços. Deixava rastros perceptíveis, conduziu-os pelos vales, pelas matas que cercavam as serras, passou despercebido por muitos lugarejos, andou pelos rios, pelas cachoeiras, pelos gerais, rodou com eles fazendo-os ficarem muito cansados, até conduzi-los para o alto de uma serra que ele conhecia muito bem. Sabia que havia uma gruta logo abaixo da ponta daquele penhasco e que só era percebido caso se o observasse com muita atenção, e contava que os jagunços não perceberiam isso. Era necessário dar um pulo bem para baixo e de uma altitude perigosa. Inácio abriu seu guarda-sol que o ajudou na queda como se fosse um paraquedas. Pulou como se estivesse pulando para o abismo, mas não, pulou para uma parte escondida em uma rocha um pouco mais embaixo e ali ficou escondido, esperando os jagunços olharem e não verem nada, a não ser o abismo onde seu corpo deveria ter caído. Jogou seu guarda-sol para mais adiante, na esperança de o vento arremessá-lo para distante e para que pudesse ser visto pelos jagunços. A sorte esteve ao seu lado, os banhos, defumações e o fechamento de seu corpo feito por sua amiga tinha dado certo.

Esperou eles irem embora e depois foi descendo, não havia mais ninguém. Os homens tinham se retirado e ele iria ver sua amada. Iriam para uma cidade distante, mesmo na Chapada Diamantina porque era dali que ele era e ele amava aquele lugar. O coronel não ia querer continuar caçando-o mais afinal havia morrido e a notícia se espalharia pela Chapada. Poderia querer continuar a caçar a filha, mas não acreditava nisso, iria ficar desmoralizado.

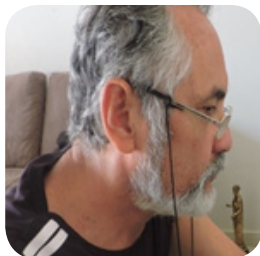
Quando chegou de volta à casa de sua velha amiga não houve surpresa, pois ela sabia que o negro não tinha morrido e tinha vencido o coronel. E embora os jagunços tenham recebido ordem para espalharem a notícia que o negro tinha covardemente cometido suicídio, muitos não acreditariam nisso, até porque o corpo nunca foi achado. Além do mais, espalhou-se também a notícia que alguém tinha visto o negro com a filha do coronel vivendo numa pequena cidade da chapada. E a grita foi geral: Para muitos, Inácio tinha vencido o coronel. Havia-o derrotado. Para outros Inácio viraria uma lenda, uma paixão, um exemplo para os negros e trabalhadores explorados. Ele demonstrou que com astúcia e valentia, o homem consegue derrotar seu opressor.

A fama correu longe e muitos vieram ver o local onde Inácio enganara o coronel, ou mesmo como se “suicidara”. O seu nome tornou-se emblemático, remontava às pessoas astutas, valente, cheias de sabedoria, coisas muito próprias de um homem maduro que protege seus pares porque tem mais experiência de vida. Inácio virou um pai, um amigo, um sábio que soube se conduzir contra o poder opressor. Pai Inácio! E o local onde ele conseguiu sobreviver eternamente como espírito da Chapada ficou conhecido como Morro do Pai Inácio.

O coronel nunca se recuperou do trauma que sofreu com este caso, sua mulher, com a desistência de continuar

buscando a filha, foi embora para a capital com as outras filhas pois não conseguia mais viver na Chapada. A tristeza apoderou-se daquele casario. O coronel continuou vivendo ali, mas não era mais o mesmo, vivia cabisbaixo e tinha certeza que todos lhe falavam pelas costas, até mesmo seus irmãos e tios. Seu poder foi desvanecendo, o respeito e o medo que granjeara por todos foi se perdendo até que não aguentando mais, caiu doente para nunca mais se levantar. A trombose de que sofrera deixou-lhe apenas poucas lembranças de seu antigo poderio sem que, no entanto, se apagassem por completo, e vez por outra vinha à sua memória a história de um negro que tornou-se uma lenda na Chapada Diamantina.

---



**JORGE RABELO MENDES**

**Data de nascimento:** 1956

**Naturalidade:** Belém-PA

**Residência:** Seabra-BA

**Formação:** Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará.

**Atuação profissional:** Professor de Sociologia no Colégio Estadual de Seabra.

**Experiências literárias e artísticas** Desde cedo interessou-se pelo contato com os livros. Trabalhou com arte na educação e literatura infantil e coordenou projetos que visavam a criação pelo gosto da leitura na criança, considera-se um humanista e empenha-se pela paz mundial no âmbito de sua realidade. Considera seus livros parte de seu trabalho neste sentido.